

O Programa Tutores e a Integração dos Calouros na FMUSP

The Mentoring Program and Integration of First-year Students at the School of Medicine, University of São Paulo

Patrícia Lacerda Bellodi¹

PALAVRAS-CHAVE:

- Tutoria;
- Estudantes de Medicina;
- Educação Médica.

KEY-WORDS:

- Mentoring;
- Students, Medical;
- Education, Medical.

RESUMO

Em 2002, em seu segundo semestre de implantação, o Programa Tutores FMUSP participou ativamente da integração dos calouros à faculdade, e esse momento foi avaliado pela coordenação. Calouros e tutores receberam questionários com perguntas semelhantes, e suas percepções da experiência foram comparadas. Nesse primeiro encontro, a maioria dos tutores relatou que os calouros estabeleceram uma boa relação com a figura do tutor, e apenas uma minoria mostrou-se desmotivada e sem interesse. Houve também, segundo grande parte dos tutores, uma boa integração e relação entre os veteranos e os calouros, por meio de troca de experiências, apoio, conselhos, brincadeiras. Este primeiro encontro foi considerado bastante satisfatório ("excelente/bom") tanto para os tutores quanto para os calouros. Para os tutores e também, especialmente, para os calouros, a principal razão de insatisfação disse respeito a grupos com pequeno comparecimento e participação dos demais alunos veteranos. Os relatos mostraram claramente uma relação de mão dupla entre o Programa Tutores e a integração do calouro FMUSP. A Tutoria mostrou-se um ingrediente importante, ao ampliar a rede de suporte na instituição, e o calouro, por sua vez, um elemento que traz "vida nova" ao grupo, incrementando a motivação e a dinâmica grupal.

ABSTRACT

In 2002, the Mentoring Program at the School of Medicine, University of São Paulo (FMUSP), participated actively in the integration of first-year students. In order to evaluate the experience, the students' and mentors' perceptions were compared. Most mentors' stated that first-year students established a positive rapport with them. There was positive integration between first-year and more advanced students through the exchange of experiences, including discussion of such themes as expectations in relation to the University, preclinical courses, and new faculty members' methodologies, among others. This first meeting was considered quite satisfactory by both tutors and first-year students. The main reason for dissatisfaction related to groups in which veteran students seldom attended or participated. The reports showed a positive rapport between the Tutoring Program and the first-year students' integration at FMUSP. For first-year students, the Tutoring Program proved to be an important ingredient in expanding the support network at the institution. For the Program, the first-year students breathed "new life" into the groups, increasing their motivation and dynamics.

Recebido em: 28/04/2004

Aprovado em: 30/09/2004

INTRODUÇÃO

Pós-vestibular concorrido, o calouro, ao chegar à faculdade de Medicina, enfrenta várias demandas de adaptação – geográficas, acadêmicas e relacionais. Um novo *status* é adquirido, e muitos outros são deixados para trás.

Ser agora um universitário é, para muitos, caminhar para longe da família e da cidade de origem: implica morar fora de casa, numa cidade estranha, muitas vezes maior, conviver com pessoas diferentes e assumir responsabilidades com as quais antes não precisava se preocupar. É também freqüentar salas de aula, corredores e outros espaços bastante diferentes do antigo colégio. É aprender novamente onde encontrar o professor, os novos colegas, como chegar e, especialmente, onde buscar as informações necessárias ao dia-a-dia acadêmico.

Ser agora um universitário é aprender a aprender de uma outra maneira: é descobrir que a didática dos novos professores é bastante diferente daquela dos antigos professores de colégio e, especialmente do cursinho. No lugar de apostilas, há o livro e os artigos de revistas científicas; no lugar do “passo a passo” e do “atenção, isto é importante”, há o “vá buscar”, “descubra o que é relevante”. No lugar da aula clara, ilustrada e didática, infelizmente, muitas vezes, o falar complexo e a postura distante do professor universitário.

É também aprender que o conhecimento não se encontra num único texto, com um único autor e nem, principalmente, permanece o mesmo ao longo do tempo. É descobrir, feliz ou infelizmente, que seu desempenho bom ou ruim nem sempre vai ser seguido por uma preocupação de outros: é você quem agora se responsabiliza por sua formação.

Ser agora um universitário é conhecer pessoas novas, diferentes em vários aspectos, mas com um objetivo comum: ser médico. É conhecer o novo colega, geralmente dentro de uma turma com muitos alunos, saber com quem contar no dia-a-dia e para quem contar do dia-a-dia é uma tarefa e tanto.

É conhecer o colega mais velho – o famoso veterano – e descobrir que ser agora um universitário é... ser calouro.

Ser calouro é participar do famoso trote ou “enfrentá-lo”...

Se, para alguns, este ritual de passagem tradicional é até desejado, para muitos ainda é um momento extremamente ameaçador. Muitas vezes, o limite entre a brincadeira para a integração e a agressividade disfarçada de brincadeira é tênue.

Se procurarmos seu significado nos dicionários, encontraremos que a palavra “integração” pode ser compreendida como uma ação ou política que visa integrar em um grupo as minorias raciais, religiosas, sociais e outras.

Na universidade, essa minoria a ser integrada, a cada início de ano, corresponde ao grupo dos calouros. São eles que, se integrados com sucesso, serão depois partes de um todo

que se completam ou complementam (também segundo os dicionários).

Conscientes de todas as mudanças e necessidades de seus novos alunos, as universidades geralmente planejam a cada ano ações de integração: semanas de recepção com atividades variadas fazem parte do calendário oficial de muitas escolas.

Na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), são programadas atividades culturais, sociais, de “reconhecimento do terreno” e de entrosamento entre as pessoas, buscando diminuir o impacto do novo e estranho ambiente físico e social. Os calouros, além da aula inaugural, conhecem o hospital-escola, os espaços acadêmicos de lazer e esporte (Associação Atlética), de política e estudos (Centro Acadêmico e Departamento Científico), e são recepcionados em churrascos e outros eventos afins pelos colegas e professores.

Em 2002, pela primeira vez, além deste programa da chamada Semana de Recepção ao Calouro, os novos alunos da FMUSP foram recebidos também pelos grupos de Tutoria do Programa Tutores.

O Programa Tutores FMUSP

Na FMUSP, em funcionamento desde 2001, cada aluno da faculdade tem um tutor e colegas tutorandos com os quais se encontra periodicamente para discussão de questões relativas à vida acadêmica e ao futuro profissional.

O Programa Tutores FMUSP tem como objetivo, por meio da troca de experiências entre os diferentes alunos, mediada pela figura do tutor, contribuir para uma formação integral e integrada de seus alunos. Isto é, busca, com este modelo, que o curso como um todo seja mais bem conhecido (e assim aprimorado) e que haja maior aproximação entre os alunos entre si e entre os professores¹.

Entre seus objetivos específicos, destacam-se:

- Propiciar um vínculo mais próximo e intenso entre professores e alunos;
- Promover a troca organizada de experiências entre o tutor e seus tutorandos, assim como entre os alunos dos diferentes anos;
- Acompanhar e assessorar o desenvolvimento global dos alunos, que inclui não apenas conhecimentos, mas também habilidades e atitudes de natureza humanística, ética e de compromisso com o social;
- Colaborar na identificação de problemas no curso e na formação dos alunos, permitindo um encaminhamento mais imediato para a solução adequada;
- Contribuir, enfim, para a formação integral do aluno de Medicina e para uma integração maior do próprio curso a ele oferecido.

Além de todos esses objetivos, diminuir o anonimato, ampliar e desenvolver uma rede de relacionamentos e suporte na instituição é, ao lado do desenvolvimento pessoal e profissional, um importante aspecto de sistemas de Tutoria ou *Mentoring*, especialmente nas escolas médicas^{2,3,4,5,6}.

Vários professores diferentes (às vezes dentro de uma mesma disciplina), salas de aula com grande número de alunos, uma grade horária repleta de atividades e sem tempo livre fazem parte geralmente da formação médica, gerando sentimentos de desamparo e solidão. Se tal é o cenário para os veteranos, para quem acaba de chegar – o calouro –, tudo isso parece e é, de fato, ampliado por seu desconhecimento.

Nesse sentido, a proposta do Programa Tutores, ao ampliar e oficializar a rede de suporte ao aluno na instituição, pode colaborar bastante para diminuir o estresse inicial da chegada dos calouros.

Este trabalho tem como objetivo relatar a participação do Programa Tutores junto aos calouros de 2002 e discutir essa experiência com base em relatos dos tutores e dos novos alunos que dela participaram.

METODOLOGIA

Calouros (em sala de aula) e tutores (via correio eletrônico) receberam questionários com roteiros semelhantes para relatar sua percepção da experiência do primeiro encontro com o grupo de Tutoria em 2002 (Anexos 1 e 2).

A chegada do calouro, como ele se percebeu e foi percebido pelo tutor, sua relação com o tutor e o grupo e suas expectativas frente à atividade foram investigadas por meio de questões abertas. O grau de satisfação com o encontro e as razões relacionadas a este também foram analisados.

Os dados foram analisados por meio do levantamento dos temas mais presentes nos relatos de cada grupo. Serão apresentadas as estatísticas descritivas realizadas e as porcentagens de cada resposta utilizadas apenas como medida de ênfase da categoria em questão. A análise qualitativa será priorizada como ponto de partida para a discussão dos resultados.

RESULTADOS

O retorno dos questionários foi semelhante entre tutores (n = 70; 41% do total de 150 tutores no início de 2002) e calouros (n = 72; 40% do total de 180 alunos).

Atividade Realizada

Os relatos mostraram que, além de reuniões tradicionais para apresentação do grupo, vários tutores receberam seus calouros de forma especial (Tabela 1), por meio de convites para refeições conjuntas, organizando pequenas festas, visi-

TABELA 1
Local do primeiro encontro

Atividade Realizada		
Reunião recepção/Apresentação	49	70%
Refeição com o tutor	11	16%
jantar	5	7%
lanche	3	4%
almoço	1	1%
café/sorvete	2	3%
“Tutoria-trote”	5	7%
Visita ao hospital	1	1%
Festa	2	3%
Sem resposta	2	3%
Total	70	100%

tas ao hospital e até mesmo por intermédio de brincadeiras bastante criativas (“tutoria-trote”).

Os encontros ocorreram predominantemente no hospital-escola. Mas também a faculdade e locais externos, como restaurantes e até mesmo a casa de um aluno do grupo, serviram de espaço para a recepção do calouro (Tabela 2).

O Calouro e o Tutor (Primeira Impressão)

Nesse primeiro encontro, a maioria dos tutores relatou uma impressão muito positiva de seus calouros, o mesmo acontecendo entre os calouros em relação a seus tutores (Tabela 3).

Para efeito de análise, foram consideradas como características positivas do calouro (que contribuíram para uma relação próxima no primeiro encontro) as seguintes descrições feitas pelo tutor:

- receptivo, interessado, participativo, tranquilo, ou

TABELA 2
Local do primeiro encontro

Local		
HC/outros institutos	45	64%
FMUSP	14	20%
Sala do professor	7	10%
Lanchonete	6	9%
Atlética	1	1%
Fora do complexo HCFMUSP	8	11%
Casa de aluno	1	1%
Consultório particular	2	3%
Restaurante/churrascaria/pizzaria/coffee service	5	7%
Sem resposta	3	4%
Total	70	100%

TABELA 3
Avaliação do calouro pelo tutor e do tutor pelo calouro

Avaliação no 1º encontro	Características			
	o calouro pelo tutor		o tutor pelo calouro	
	positivas	negativas	positivas	negativas
Total	64	6	68	4
(%)	91	9	94	6
respondentes	70		72	

• tímido no início, mas depois à vontade.
As chamadas características negativas do calouro (que contribuíram para um relacionamento distante) surgiram em relatos em que este era descrito pelo tutor como:

- passivo, calado, ouvinte, ou
- perdido apreensivo, ressabiado, assustado, desconfiado.

Em relação aos tutores, as características positivas (segundo os mesmos critérios) ocorreram em relatos onde o tutor aparecia como alguém:

- simpático, receptivo;
- conduz bem o grupo, flexível nos assuntos, procura integrar, induz a trocar experiências, habilidade para conversar;
- orienta bem, experiente, bom conhecimento;
- descontraído, informal, bem-humorado, deixa à vontade, animado, comunicativo, conversa de forma simples, sem prepotência, ou
- atencioso, interessado, próximo, empático, preocupado, bem intencionado, disposto a ajudar, prestativo, atento.

As características negativas dos tutores, segundo os calouros, disseram respeito a:

- pouco conhecimento da realidade dos alunos;
- com dificuldade em dinamizar o encontro e o grupo;
- ausente, sem comprometimento com o programa;
- desmotivado com o baixo comparecimento no grupo, ou
- formal na relação.

A Tabela 3 mostra a distribuição das características positivas e negativas dos dois grupos (calouros e tutores) com base nesses critérios.

O Calouro e o Grupo de Tutoria

Segundo grande parte dos tutores, houve uma boa integração e relação entre veteranos e calouros, por meio de troca de experiências, apoio, conselhos, brincadeiras. Os tutores, mais que os calouros, avaliaram positivamente a relação calouro-grupo (Tabela 4).

TABELA 4
Avaliação do grupo: pelo tutor e pelo calouro

Avaliação no 1º encontro	Características			
	o grupo pelo tutor		o grupo pelo calouro	
	positivas	negativas	positivas	negativas
Total	59	11	45	27
(%)	84	16	63	38
respondentes	70		72	

Para efeito de categorização, foram consideradas características positivas na relação calouro-grupo (tanto para os tutores, quanto para os calouros) as seguintes qualidades, atribuídas ao grupo nos relatos:

- prestativo, promovendo auxílio mútuo;
- participativo, número grande de alunos presentes, ou
- receptivo, com colegas simpáticos, favorecendo novas amizades, disponível para o entrosamento.

Nos relatos sobre o grupo, foram consideradas características negativas na relação calouro-grupo (para tutores e calouros):

- ausente, com falta de muitos alunos, pouca gente, sem nenhum colega dos outros anos, ou
- desanimado, conversa apenas com o tutor, sem troca de experiência, pouca discussão, silêncio.

A Tabela 4 reúne as características positivas e negativas dos dois grupos (calouros e tutores) em relação aos grupos, a partir desses critérios.

Temas Discutidos

Nesse primeiro encontro, calouros e tutores discutiram especialmente temas como as expectativas em relação à universidade e a própria Tutoria, o desencanto com as aulas das cadeiras básicas, a didática dos professores, o volume do conteúdo a estudar, o trote e até mesmo os jargões locais. A relação dos diferentes temas encontra-se no Quadro 1.

Informações Recebidas

Os calouros avaliaram de forma mais satisfatória que os tutores as informações recebidas a respeito do Programa Tutores. Esta diferença se encontra na Tabela 5.

A Satisfação

Este primeiro encontro foi considerado bastante satisfatório (“excelente/bom”) para a maioria tanto dos tutores (93%) quanto dos calouros (85%) (Gráfico 1). Os tutores concentraram sua avaliação na categoria “bom”, e os alunos apresentaram um número maior de avaliações na categoria “excelen-

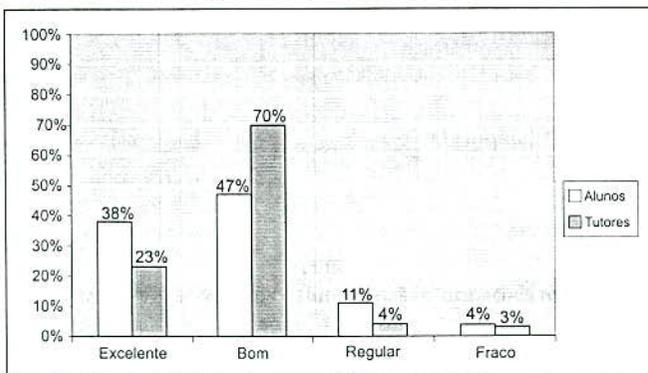
QUADRO 1
Temas discutidos na primeira Tutoria com o calouro de 2002

A FMUSP	O Curso	A Tutoria
Expectativas	Conhecimento (matérias, horários, locais, faltas)	Funcionamento e expectativas
Jargões locais	Atividades extracurriculares	
Níveis hierárquicos acadêmicos	Panelas	
Melhores e piores aspectos	Mocós	
Centro Acadêmico	Pesquisa Científica	
Instalações da Faculdade		
<i>O 1º ano da graduação</i>	<i>Ser calouro</i>	<i>Ser aluno de medicina</i>
As aulas na cidade universitária	Integração	Esportes
Didática professores	Trote	Lazer
Volume excessivo conteúdo a estudar	Mudança de cidade e adaptação/moradia	Assistência Psicológica ao aluno
Papel do professor e do aluno		
Disciplinas Optativas		
Aulas de anatomia		
<i>Futuro profissional</i>	<i>Prática Médica</i>	<i>A Medicina</i>
O internato	Relação médico-paciente	Escolha da medicina
A residência	O Hospital	Mitos na medicina
Ideal como médico		Espiritualidade na medicina

TABELA 5
Avaliação, pelos calouros e tutores, das informações recebidas sobre a Tutoria

Considerou suficientes as informações recebidas sobre a Tutoria?	Calouros	Tutores
Sim	62 (87%)	37 (53%)
Não	9 (13%)	19 (27%)
Em parte		6 (9%)
Sem resposta		8 (11%)
Respondentes	71	70

GRÁFICO 1
Avaliação, por alunos e tutores, da primeira Tutoria com o calouro de 2002



te”, mas também uma frequência maior de avaliações na categoria “regular”.

Para os tutores, mas também e especialmente para os calouros, a principal razão de insatisfação na avaliação geral do primeiro encontro de Tutoria se referiu a grupos aos quais os demais alunos veteranos pouco compareceram e participaram. Essa correlação é mostrada nas Tabelas 6 e 7.

TABELA 6
Avaliação geral do primeiro encontro versus características do tutor e do grupo (visão do calouro)

Avaliação do 1º encontro pelo calouro	Características			
	Tutor		Grupo	
	Positivas	Negativas	Positivas	Negativas
excelente (38%)	27		24	3
bom (47%)	34		21	13
regular (11%)	6	2		8
fraco (4%)	1	2		3
Total (%)	64 (91%)	6 (9%)	59 (84%)	11 (16%)
respondentes	70		70	

TABELA 7
Avaliação geral do primeiro encontro *versus* características do aluno e do grupo (visão do tutor)

Avaliação do 1º encontro pelo tutor	Características			
	Aluno		Grupo	
	Positivas	Negativas	Positivas	Negativas
excelente (38%)	16		16	
bom (47%)	44	5	42	7
regular (11%)	2	1	1	2
fraco (4%)	2			2
Total (%)	64 (91%)	6 (9%)	59 (84%)	11 (16%)
respondentes	70		70	

DISCUSSÃO

A recepção aos calouros de 2002 na FMUSP incluiu a participação ativa, pela primeira vez, de tutores e alunos de outros anos (veteranos), que, desde junho de 2001, compõem os grupos do Programa Tutores.

Uma vez que o programa tem como principais objetivos a integração da formação médica (troca de experiência entre diferentes anos) e a integração na formação médica (alunos entre si e alunos com professores), considerou-se que os grupos de Tutoria são um espaço privilegiado para a recepção dos novos alunos – os calouros.

Martins⁷, em seu prefácio ao livro *O universo psicológico do futuro médico*, afirma, de forma muito apropriada:

O aluno que ingressa na escola médica, à semelhança da criança recém-nascida, está num mundo novo, desconhecido e ameaçador, necessitando de amparo. Tal qual o recém-nascido, o aluno vai precisar de ajuda para poder sobreviver, para superar essa etapa.

Ainda segundo Martins, tal como um bebê, o aluno também passa por angústias que precisam ser digeridas e devolvidas a ele como elementos toleráveis. Nesse modelo, se o aluno também encontra um ambiente continente para suas angústias, seu aprendizado e desenvolvimento emocional poderão ser favorecidos. Assinala ainda que:

O que vale para o plano individual do aluno deve ser considerado também em relação ao grupo. Assim, se houver espaço e continência para a desintoxicação das angústias grupais, das rivalidades, da competição, o grupo pode se tornar fonte de colaboração e crescimento. Considerando que as condições psicológicas são determinantes para o processo de aprendizagem, as escolas médicas não devem medir esforços no sentido da criação de uma atmosfera aberta e facilitadora, para atenuar o estresse

ligado ao processo de profissionalização dos estudantes de medicina.

Nesse contexto, iremos então discutir os relatos produzidos por tutores e calouros no primeiro encontro de uma intervenção – o Programa Tutores, que, na FMUSP, tem exatamente tal filosofia: ser um espaço aberto, facilitador e continente durante a formação médica.

Os Calouros

Sem dúvida, para os calouros, a inserção em grupos de Tutoria foi bastante satisfatória: gostaram, em sua grande maioria, de seus tutores, dos colegas presentes e da proposta da atividade.

A primeira impressão do calouro em relação aos tutores foi bastante positiva. Ressaltaram em seus relatos especialmente a simpatia e receptividade ao recebê-los:

Muito simpático e prestativo. Foi muito oportuno em relação a minha adaptação na Faculdade, bem como a reflexão de minhas expectativas sobre o curso. (masc., 18 anos)

A capacidade de conduzir bem o grupo, de ser flexível nos assuntos e a preocupação em integrar os alunos e em estimular a troca de experiências entre eles foram também bastante valorizadas pelos calouros já no primeiro encontro com o tutor:

Gostei muito da minha tutora. Ela ajuda na integração dos alunos durante o encontro, além de ser muito legal e manter uma conversa bastante descontraída. (fem., 19 anos)

Especialmente a descontração do tutor, informalidade, bom humor, comunicação e simplicidade na relação foram motivo de satisfação e até mesmo de surpresa:

Parece uma pessoa que conversa com os tutorados de forma simples e sem prepotência. (masc., 18 anos)
Ótimo tutor, simpático e simples, apesar de sua posição. (masc., 19 anos)

Um dos atributos fundamentais de um tutor não deixou de ser reconhecido: seu interesse, atenção, empatia e preocupação em ajudar:

A minha primeira impressão é de que ele é bastante interessado em ajudar, disponibilizando seu e-mail e telefones para que entremos em contato com ele ao precisarmos de qualquer coisa em que ele possa nos ajudar. (fem., 18 anos)

Os poucos tutores mal avaliados foram os que, segundo o ponto de vista do calouro, demonstraram, nesse primeiro encontro, pouco conhecimento da realidade dos alunos, dificuldade em dinamizar o encontro e o grupo, ou então, desmotivação e formalidade na relação.

O tutor não foi tão 'tutor', meio ausente, marcou de mês em mês (masc., 18 anos)

A partir desses elementos, é interessante observar que, para o aluno que chega, mais do que qualquer título acadêmico ou posição na instituição, foram as características pessoais – simpatia, informalidade, disponibilidade em ajudar – e as habilidades em lidar com o grupo as mais favorecedoras de avaliações positivas. Em outras palavras, a pessoa do tutor associada a habilidades de manejo grupal mostra-se essencial na visão do calouro.

Entretanto, se a maioria dos tutores foi muito bem avaliada pelos alunos, o mesmo não ocorreu em relação à presença e à participação dos colegas tutorandos de outros anos nos grupos de Tutoria.

Para alguns calouros, foi fundamental a experiência de encontrar um grupo com veteranos presentes, participando ativamente do encontro e disponíveis para ajudar os novatos:

O grupo é bastante prestativo e participativo, e o tutor garante a importância no assunto da conversa. (masc., 17 anos)

Apesar de novo no grupo, me senti como se fosse um veterano. (masc., 18 anos)

Tive bons relatos de meus companheiros (grupo de Tutoria), que, acredito, pode ser útil para mim nestes próximos anos. (masc., 18 anos)

Por outro lado, ter encontrado um grupo com poucos alunos (ou apenas com o tutor, mesmo visto como uma ótima pessoa) ou com alunos de outros anos desinteressados foi bastante frustrante para outros calouros:

Foi interessante conversar com outros alunos, mas, infelizmente, não compareceram alunos do 2º, 3º, 5º e 6º anos, o que poderia ajudar na troca de experiências. (fem., 18 anos)

A ausência dos alunos dos outros anos empobrece a Tutoria. Claro que é válida a conversa com a professora, mas poderia – eu acho – ser mais interessante se houvesse maior presença de outros alunos. (masc., 19 anos)

Embora tenha sido produtiva, houve ausência de alunos de alguns anos, o que poderia ter enriquecido a conversa. (fem., 18 anos)

Quando as características positivas e negativas do tutor e do grupo foram distribuídas nos diferentes graus de satisfa-

ção, ficou evidente que o aumento de avaliações negativas do grupo acompanhava a redução na satisfação geral.

Nas avaliações do encontro como "excelente", nenhuma característica negativa era atribuída ao grupo. Por outro lado, nas avaliações "regular" ou "fraco", nenhuma característica positiva era atribuída ao grupo.

Como registrou este calouro:

Seu tutor: Pessoa que tentou me orientar da melhor maneira no primeiro encontro.

Seu grupo de Tutoria: Nada a declarar. O restante do grupo não compareceu.

Suas expectativas: Incógnita, pois meus colegas não estiveram presentes. Logo, a integração estará prejudicada.

Sua avaliação: Regular, porque houve apenas uma conversa descontraída com o tutor, sem a participação dos colegas. (masc., 21 anos)

A importância do grupo deve ser discutida e compreendida, inicialmente, no contexto da fase de desenvolvimento na qual se encontram os calouros. Tendo a maioria deles entre 17 e 20 anos, o tema da adolescência deve ser abordado para se compreender melhor a importância do grupo de amigos e colegas nesta fase.

A adolescência, com tudo o que esse momento do desenvolvimento implica, ficou registrada no relato de vários tutores. A imaturidade, a ambigüidade criança-adulto, por exemplo, foram assinaladas:

Trata-se de um rapaz, ou melhor, de um menino muito gentil, com cara de bom filho, bom neto, bom sobrinho, bom etc.... Ficou esperando ao lado de fora da porta sem se anunciar e foi notado pela secretária após um certo tempo... Ele entrou muito sorridente, me beijou e só faltou me chamar de tia. Parece ser muito esforçado, uma vez que estudou em escola pública e, assim mesmo, entrou direto na FMUSP, tendo apenas 18 anos recém-completados. É muito educado, desinibido, fala pelos cotovelos e está entusiasmadíssimo com a faculdade.

A primeira impressão foi de um aluno jovem, imaturo, ainda deslumbrado com a entrada na faculdade. De maneira geral, foi uma boa impressão. Eu havia mandado um e-mail anteriormente, avisando da reunião e solicitei uma resposta. Esta foi um sucinto 'Beleza'. Até lá.

Outros relatos mostraram a heterogeneidade do grupo de adolescentes:

Tive uma boa impressão da aluna: pareceu desembaraçada, simpática e até mesmo madura para a idade.

Os calouros chegaram e ficaram muito à vontade, sabendo o que aconteceria. Pareceram dispostos e a fim de participar da atividade. Considerei-os muito localizados no tempo e no espaço, com idéias próprias a respeito da faculdade, aulas, disciplinas, cursos. Com crítica sobre as informações recebidas por colegas e/ou professores. Percebendo o esforço da turma da Bioquímica em melhorar o curso.

Em sua grande maioria, as expectativas dos calouros foram bastante positivas e, provavelmente por conta das informações recebidas, dentro dos objetivos pretendidos pelo programa:

Eu espero que o grupo de Tutoria realmente me ajude a sanar dúvidas minhas a respeito da faculdade e principalmente da área médica. Além disso, espero estar formando verdadeiros laços de amizade com os integrantes do grupo. (fem., 18 anos)

Acho a Faculdade de Medicina um curso bastante pesado tanto para os veteranos, que possuem inúmeras atividades, como para nós, calouros, que passamos a ter uma realidade totalmente diferente da do colégio. Passamos a visitar com frequência hospitais, vemos cadáveres, temos muita matéria. Assim, acho o Programa Tutores uma iniciativa muito boa, pois temos a oportunidade de conhecer pessoas de outros anos, um médico, no caso a tutora, e com eles trocar experiências. (fem., 19 anos)

Os Tutores

Para os tutores, a chegada de um novo elemento ao grupo também foi bastante positiva. Se, por um lado, foram mais críticos que os calouros ao avaliarem como "excelente" o primeiro encontro, foram menos críticos que os alunos na percepção do primeiro encontro como "regular".

Os tutores tiveram uma boa impressão do calouro, e este, para grande parte do grupo, foi visto como receptivo, interessado e participativo:

A caloura deverá ser sucesso de 'público e renda'. Com duas semanas de faculdade está integrada, sabe de detalhes do que se passa que alguns levam meses para descobrir. O aluno estava muito interessado, mesmo antes da reunião: me mandou e-mail, me ligou em casa e ligou para a coordenação do projeto para saber o porquê do atraso. Na reunião falou bastante e ouviu bastante.

Alguns calouros, segundo os tutores, como esperado, mostraram-se tímidos no início, mas depois à vontade com os demais.

Chegaram um pouco tímidos e perdidos, o que é normal, mas demonstram interesse. Apresentaram-se rapidamente conforme nossa orientação e participaram normalmente da reunião. Para integrá-los melhor e estimulá-los a participar foi sugerido que eles escolhessem o tema da próxima reunião sobre dúvidas ou curiosidades sobre a FMUSP.

Vale dizer que poucos calouros foram apresentados pelos tutores em seus relatos como passivos, calados e apenas ouvintes, ou então apreensivos, perdidos, assustados ou resabiados:

Foi a primeira a chegar, procurou-me diretamente para apresentar-se. Teve atitude bem passiva, como um ouvinte durante todo o encontro.

Uma caloura e um calouro, ambos com 19 anos, acanhados, sem participação espontânea, sendo que só responderam as perguntas a eles formuladas pelo tutor ou pelos veteranos.

Assim como para os calouros, embora numa proporção menor, um grupo de Tutoria mais presente e participativo teve impacto na satisfação geral desse primeiro encontro, também segundo os tutores:

Sua avaliação: Boa, houve boa receptividade do grupo para a caloura e esta se relacionou rapidamente ao grupo. Pela maneira positiva como eles participaram desse primeiro momento.

Sua avaliação: Excelente, houve um clima difícil de transformar em palavras. Todos se empatizaram e foram cordiais e fraternais. Parecíamos um grupo de velhos amigos. Senti que os novos alunos foram bem recebidos.

Mas, também como os calouros, grupos de Tutoria com menor presença e participação dos alunos veteranos impactaram negativamente o primeiro encontro:

Esta recepção ao calouro foi uma verdadeira decepção ao calouro. Tivemos apenas a presença de uma terceiranista. Ficamos um tutor para dois tutorandos.

Sua avaliação: Regular, porque infelizmente não consigo notar entusiasmo ou motivação por parte dos alunos. Não sei definir o que falta, mas, embora eu esteja motivado, a recíproca não é verdadeira.

Entretanto, para os tutores, por que o grupo teve menor impacto na satisfação geral do que para os calouros?

Um dos aspectos, discutido anteriormente, diz respeito à importância do grupo de iguais para o adolescente, para afirmação de sua identidade nessa fase da vida.

Outro aspecto, que remete à estrutura e dinâmica do programa até o momento, diz respeito às expectativas do tutor.

Após seis meses de funcionamento (na época da chegada dos calouros em 2002), o Programa Tutores havia conseguido a adesão de metade dos alunos da escola. Os mecanismos de controle e estímulo à participação freqüente do aluno ainda não estavam definidos completa e satisfatoriamente. Dessa maneira, ao contrário do calouro, o tutor tinha uma expectativa menor de comparecimento do grupo e também mais próxima da realidade desse início de atividade do programa na instituição.

Mas, sem dúvida, a questão de um grupo presente e ativo nas discussões é fundamental também para a satisfação do tutor. Sendo a atividade essencialmente grupal, sua dinâmica fica prejudicada se houver poucos alunos ou alunos desmotivados.

O Que se Falou?

Nesse primeiro momento de encontro calouro-grupo de Tutoria, como esperado, predominaram discussões em que as expectativas dos calouros frente à FMUSP foram o tema principal. A apresentação da faculdade em todos os seus aspectos, desde o funcionamento do curso até as instalações físicas, e o jargão local de professores e alunos estiveram bastante presentes. Uma espécie de "quem é quem" ou de "melhores e piores" da instituição foi um bom mote nessa reunião inicial com o calouro.

Quisemos saber qual a história do calouro para entrar na FMUSP, quais as suas expectativas para a FMUSP e para aquele encontro e projeto: qual a sua primeira impressão da FMUSP?.

Cada um dos veteranos deu o seu depoimento dos melhores e piores da faculdade (aulas, professores, festas, lanchonetes, provas, livros, etc...). Foi superengraçado. Ficou a mensagem de não deixar de ir a festas legais e ter seus hobbies durante o período da faculdade, pois sempre há tempo de estudar e ser feliz: *carpe diem*.

A conversa foi entusiasmada e cada um colocou sua experiência, inclusive a minha. Surgiram velhos chavões, como: 'os alunos da medicina são vistos com antipatia na cidade universitária', 'os professores das cadeiras básicas não entendem nada de medicina', 'é longe', 'quando é que eu vou me sentir médico?'. Tentei fazê-los entender que terão a vida toda para serem médicos e talvez até se cansem disso um dia, mas as experiências da vida acadêmica têm chance de estar entre as melhores das suas vidas.

Também o 1º ano da graduação foi foco em muitos encontros: ter aulas na Cidade Universitária tão distante da

FMUSP, a didática dos novos professores, o volume de estudo a dar conta, as primeiras aulas de anatomia e a escolha de disciplinas optativas estiveram presentes:

O principal assunto foi sobre as aulas na bioquímica e a questão das faltas nas disciplinas, face à decisão recente da comissão de graduação de não haver mais um controle ativo da presença dos alunos. Conversamos sobre o papel do professor, e do aluno, em uma situação em que o contato interpessoal fica cada vez menos importante para a aprendizagem.

A caloura criticou a didática de alguns professores (comparou com professores do 'cursinho') e o conteúdo excessivo (muitas informações transmitidas em aula não parecem ser importantes).

Ser aluno de Medicina, as razões dessa escolha e, especialmente, ser calouro foram também discutidos:

Conversamos, os três, sobre nossas emoções como calouros. Foi interessante verificar que, passados tantos anos desde a minha entrada na FMUSP, as sensações continuam as mesmas, inclusive o choque com as aulas de Anatomia e a primeira visita ao PS do HC. Ele já está totalmente entrosado, embora se sentindo um pouco 'jogado' na Cidade Universitária. Estranhou por ter sido convidado a se retirar da sala de aula no dia em que chegou atrasado. Adora a atlética e já está treinando vôlei. Está entusiasmado com as aulas de Humanística ministradas pela Psiquiatria. Pediu que eu o lembrasse da próxima reunião porque é 'meio desligado'. Não trouxe problemas, grandes questionamentos, apenas esperanças... que temos que ajudar a não se perderem.

As questões trazidas por eles foram, principalmente, questões de adaptação a São Paulo. O calouro veio do interior (fez um ano de cursinho em São Paulo), mas, ainda, não tinha lugar definitivo para morar. A caloura mora em São Bernardo e demora duas horas para chegar à FMUSP (não tem carro). Conversamos bastante sobre alternativas de moradia.

Discutiu-se muito o trote. O calouro dizendo que gostaria que tivesse havido alguma coisa, como na Santo Amaro. Acha que é uma boa maneira de conhecer o pessoal. O aluno do 4º ano protestou, e, acompanhado pelo do 5º ano, acha que é difícil impedir abusos. Também as habituais discordâncias CAAOC/Atlética – tudo em um clima bom, com muita troca de experiências.

Contaram como foi recebida a notícia da aprovação, a demora da divulgação do resultado pela Fuvest e a alegria de ter entrado na faculdade.

Mas nem só do momento presente se fez o encontro. Em vários grupos discutiu-se já o futuro:

O grupo relacionou-se bem com o mesmo, discutiram pressões do internato e disciplinas do curso como um todo.

A conversa fluiu sobre assuntos da faculdade e nem deu para o tradicional 'porque vocês escolheram medicina' ou 'como se sentiam por ter entrado na USP'. A seguir chegou o quintanista, e a conversa mudou de tom e acabou em preparação de formatura e exame de residência. Os calouros também se integraram ao novo assunto, apesar de distante da realidade deles. Depois falamos sobre especialidades e características de alguns especialistas.

Em resumo, os temas discutidos foram os tradicionalmente presentes nas propostas de Tutoria (ou *mentoring*, na língua inglesa) e podem ser incluídos numa grande categoria, chamada Desenvolvimento Pessoal e Profissional.

Além disso, os calouros receberam, na ocasião da matrícula e depois, durante a aula inaugural, informações a respeito da atividade. O conjunto de informações buscava deixar claro para os alunos o que era a Tutoria, quem é o tutor na FMUSP e, especialmente, por que "é bom ser um tutorando".

Os calouros se consideraram, muito mais que na opinião de seus tutores, bem informados sobre a atividade. Alguns tutores se queixaram de que os objetivos da atividade não estavam claros para os novos alunos, talvez porque (uma de nossas hipóteses) a própria atividade, em seus primeiros seis meses, estivesse, também para eles, ainda a ser mais bem definida e compreendida. Outra razão talvez esteja ligada ao momento em que as informações são dadas.

Provavelmente, como descreveram Millan, De Marco, Rossi, Millan e Arruda⁸, os calouros se encontram em plena fase de euforia com a conquista: a faculdade é vista como um lugar idealizado, as angústias acabaram, as expectativas serão satisfeitas, e o desejo de ser médico finalmente realizado. Ressaltam que a recepção festiva dada pelos veteranos e o entusiasmo da família colaboram para uma "inflação egóica" e para a utilização de defesas maníacas.

Este panorama de euforia inicial não escapou da percepção de um tutor, que relatou:

Acho que eles não retiveram as informações fornecidas na explicação inicial. Provavelmente estavam por demais eufóricos para prestar atenção.

Seja pela euforia, seja pela grande quantidade de novidades a serem "digeridas", vale dizer, do ponto de vista da coordenação do programa, que os tutores devem estar cientes de que, neste momento e no cotidiano, eles mesmos devem, com o tempo, ser a melhor resposta para as dúvidas sobre a atividade.

E como deixar claro, especialmente, o que é e o que não é a Tutoria na FMUSP?

Informalidade e Brincadeira

Ao lado das reuniões tradicionais de apresentação, vários tutores procuraram, de forma criativa e informal, receber os novos alunos:

Todos foram muito receptivos e houve uma comemoração (com bolo e doce de leite), pois, além do calouro, estávamos recebendo duas alunas novas no grupo (2º e 4º ano) e o aniversário (já passado) de um dos veteranos.

Deu tudo certo. O clima era muito bom. Ele foi muito bem recebido. A comida e a conversa eram boas, os outros alunos foram gentis.

Uma primeira Tutoria lúdica foi relatada por alguns grupos como um momento extremamente produtivo para todos os envolvidos: além do humor, foi uma maneira muito "didática" de expor os reais objetivos do Programa Tutores:

Nosso grupo resolveu fazer uma aula-trote com nossos novos calouros. Chegamos mais cedo, preparamos um superlanche, escondemos tudo e, quando o calouro chegou, estavam todos fazendo prova. A prova foi montada pelo nosso aluno de 4º ano e era impossível de responder!

Quando o calouro abriu a porta, estavam todos concentrados (morrendo de vontade de rir!) respondendo as questões. Assim que ele entrou, apresentei-me e falei que nós aproveitávamos aqueles encontros apenas para estudar. Indaguei-lhe se havia preparado o material enviado por e-mail para a sua avaliação. O menino ficou branco! Tranqüilizei-o dizendo que na próxima reunião ele faria a discussão de casos junto com o aluno de 2º ano. A aluna do 3º ano dizia que não sabia responder a prova. Seus colegas a censuravam e pediam a sua expulsão do grupo, enquanto ela ameaçava chorar (na verdade de tanta vontade de rir!). Eu comentei (também fazendo a maior força para não rir) que todos nós achávamos um desperdício de tempo ficarmos conversando sobre as dificuldades enfrentadas durante a graduação e outros assuntos 'sem importância'. Portanto, todas as reuniões seriam preenchidas com provas, discussões de casos e, ao final, cada aluno receberia uma nota enviada à faculdade. O menino perguntou se poderia entregar a prova em branco. Eu lhe disse que sim, mas dei-lhe uma monografia para compensar a nota zero obtida neste primeiro encontro. Dei então por encerrada a reunião e, quando começamos a nos preparar para sair da sala, dissemos que era tudo brin-

cadeira! Explicamos que nosso objetivo era comemorar sua entrada na casa de Arnaldo! Foi uma festa! Todos lhe deram as boas-vindas. Tenho certeza de que esta comemoração ficará na lembrança de cada componente do grupo. O calouro se prontificou a, no ano que vem, também montar uma recepção para seu futuro calouro. Esta brincadeira uniu ainda mais o grupo e acolheu muito bem nosso novo componente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para encerrar a discussão sobre esse primeiro encontro do calouro com seus grupos de Tutoria em 2002, dois aspectos precisam ser salientados.

Um deles se refere a quanto à entrada do calouro foi dinamizadora e estimulante para os grupos que já estavam funcionando, dando "alma nova" e coesão aos antigos membros.

Especialmente em relação aos tutores, vale destacar o quanto eles se sentiram pessoalmente "reabastecidos" em sua auto-estima e em sua função, pelo reconhecimento de seu trabalho já pelos novos alunos:

Os calouros foram bastante receptivos e descontraídos. Quiseram saber sobre o projeto, perguntaram por que eu optara por ser tutora. O calouro perguntou-me por que eu resolvi fazer isso por eles. O nosso ibope, sem dúvida, está maior, temos que aproveitar o momento.

Acharam legal demais ter alguém pensando neles. Comentaram as dificuldades ultrapassadas para atingir o objetivo. Questões de relacionamento entre colegas, já existe aquele colega prepotente, que acha que só ele sabe tudo, etc. Mostraram insegurança quanto a determinadas matérias, já pensam na especialidade.

E recuperando a metáfora inicial de Martins sobre a relação mãe-bebê e a importância desta como elemento continente, vale reproduzir, para finalizar este trabalho, o seguinte relato: Adotei mais dois filhinhos (e pode criticar que eu não ligo, sou afetiva demais mesmo e muito velhinha pra mudar e não quero mudar). E como recompensa recebi um e-mail da caloura dizendo que tinha adorado a Tutoria, que concordava com os veteranos que tinha tido sorte de me ter como tutora. Demais, não é?

CONCLUSÃO

Os relatos revelaram claramente uma relação de mão dupla entre o Programa Tutores e a integração do calouro

FMUSP: a Tutoria mostrou-se um ingrediente importante, ao ampliar a rede de suporte na instituição, e o calouro, por sua vez, um elemento que traz "vida nova" ao grupo, incrementando a motivação e a dinâmica grupal.

O calouro mostrou-se receptivo à atividade e colaborativo, reconhecendo e valorizando, em sua maioria, o espaço da Tutoria como de ajuda às suas necessidades.

Os veteranos, quando presentes, mostraram-se essenciais à satisfação do calouro, e sua importância como formadores de opinião para os novos alunos foi confirmada por meio do relato dos novos alunos.

Reforçar para os tutores a importância de uma recepção organizada, mas descontraída, aos calouros e estimular a presença dos veteranos, valorizando sua colaboração na orientação dos novos alunos, são os principais aprendizados e lições desta experiência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Bellodi P, Martins MA. Projeto Tutores: da proposta à implantação na graduação da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP). *Rev Hosp Univ*. 2001; 11: 52-58.
2. Bligh J. Mentoring: an invisible support network. *Med Educ*. 1999; 33: 002-003.
3. Cottrell DJ; McCrorie P; Perrin F. The personal tutor system: an evaluation. *Med Educ*. 1994; 28: 544-549.
4. Woessner R, Honold M, Stehr SN, Steudel WI. Faculty mentoring programme – ways of reduce anonymity. *Med Educ*. 1998; 32: 441-443.
5. Kalet A, Krackov S, Rey M. Mentoring for a new era. *Academic Medicine*. 2002; 77: 1171-a.
6. Murr AH, Miller C, Papadakis M. Mentorship through Advisory Colleges. *Acad Med*. 2002; 77: 117.
7. Martins LAM. Prefácio. Em: *O universo psicológico do futuro médico*. São Paulo: Casa do Psicólogo; 1999.
8. Millan LR, De Marco OLN, Rossi E, Millan MPB, Arruda PCV. Alguns aspectos psicológicos ligados à formação médica. *Revista ABP-APAL*. 1991; 13:137-142.

Endereço para correspondência

Rua Dona Luiza Júlia, 12 / 62 – Itaim Bibi
04542-020 – São Paulo – SP
e-mail: ptbellodi@uol.com.br